

Traduzir: por que e para que?

“*Vel taceas, vel meliora dic silencio*”.
Publilius Syrus

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES
UNIVERSIDAD DO CENTRO-OESTE, CAMPUS DE IRATI

Na introdução à *Eneida*, que bela e classicamente traduziu, Manuel Odorico Mendes dirigindo-se a seus filhos, pede-lhes, com uma candura indizível, que se um dia visitam os “arredores da ameníssima cidade”, prestem uma homenagem ao túmulo do mantuano, “recordando-se de que seu pai só durará na memória dos nossos concidadãos, ainda uns poucos anos depois de sepultura, abrigado sob as asas de tão sublime escritor”. Em outras palavras: que ficaria um pouco mais na lembrança dos pósteros como tradutor. Na verdade, ficou e parece que para sempre, pois a sua tradução virgiliana o fez conhecido e respeitado, ainda que os mal-dizentes insistam em que é mais fácil a quem não sabe latim ler Virgílio que através da tradução arrebicada e tersa, tersíssima, de Manuel Odorico Mendes.

É um caso de tradução bem lograda ou que, pela tradição, teve sorte, passando a fazer parte do acervo literário do autor e da própria literatura a que pertencia. Como as traduções dos contos de Edgar Allan Poe belamente realizadas por Baudelaire - as que lhe abriram as portas da Europa via francês a um então desconhecido e exêntrico poeta americano fascinado pelo mundo do terror, das coisas fúnebres, dos mistérios de ultratumba. Foi uma união autor-tradutor que deu certo, como a do nosso clássico Odorico Mendes. Nem sempre é assim, porém. Há casos vulgares de belas obras simplesmente destruídas pela ação vitriólica da má tradução e isso, desgraçadamente, vemos quase que todos os dias, especialmente em nossa era de improvisação e rapidez, quando tudo se quer feito de noite para o dia, sem uma meditação mais cuidadosa, sem uma revisão cuidadosa e persistente, sem os muitos riscados de uma correção. Os chamados tradutores profissionais, outrora desconhecidos ou pelo menos não

frequentes, se tornaram ágil e imediata a cansativa tarefa do traduzir, tiraram-lhe a arte, se bem que muitos considerem que ela ganhou em proficiência e técnica pela cada vez mais presente especialização dos tradutores, agora passando, inclusive, por cursos de licenciatura, durante varios anos, dirigindo-lhes as vocações e as tendências. Possivelmente una e outros tenham razão, detratores da escola de tradutores formados e os admiradores da profissionalização da tradução, assim como os ardentes defensores de tradução artística, aquela a que um escritor se dedica a fazer, a que é levada a cabo com paciência e dedicação, muitas vezes por meses e meses e até anos.

Fax pouco tempo, a escritora asturiana Paz Fonticiella publicou belo e profundo trabalho sobre “Dalgunes cuestiones sobre la teoría y la práctica de la traducción”, com conclusões verdadeiramente apreciáveis. No seu caso especial muito mais interessante pois vem da Espanha e sua diversidade de linguas e dialetos, muitos deles agora cultivados literariamente e até com muito proveito como o asturiano, cuja “Academia de la Llingua” vem realizando um labor de grande alcance e sendo, sem favor, a maior responsável pelo revivescimento do bable. Traduzir ao asturiano é mais do que uma arte e uma técnica, um autêntico quebra-cabeças lingüístico, pelas variações dialetais. As literaturas jovens como que possuem grande sede de traduzir —por necessidade. A busca do motivo a lheiro, os modelos que podem surgir, as novas direções. E nessas literaturas há espécimens de traduções que poderiam servir de paradigmas depois. As linguas regionais da Europa, mesmo as que em data recente se tornaram nacionais, encontram, de início, problemas para a criação de novas literaturas e apelam, então, para as traduções. Em macedônio há uma literatura traduzida que concorre com a original, o mesmo acontecendo com o eslovaco, para somente citar, de raspão, dois exemplos. Mas aí uma pergunta: por que traduzir?

Há uma necessidade cultural de traduzir, uma necessidade sociológica e uma necessidade estética. Na verdade, tudo se resume em um “approach” cultural, a vontade de trazer as manifestações culturais de outro povo em outra lingua. Na Europa cosmopolita e multilingua a tradução tem inclusive a conotação de uma nova busca humanística a través do uso de tantas linguas, humanismo em que há um leque imenso de escolhas de instrumentos lingüísticos, humanismo diferente do praticado no finar-se de Idade Média, quando o latim era esse instrumento de difusão humanística e de acercamento.

Para quem traduzir, eis a outra pergunta angustiante. Como faziam os grandes tradutores-artistas, a sua arte se dirigia a uns poucos eleitos, os que buscavam a arte da tradução ainda

que ela estivesse aberta a todos os leitores da língua para a qual se traduzia. Ou era um trabalho solitário, em que o tradutor mais se preocupava com as suas próprias preferências literárias e culturais, ou era um exercício solitário, de diletante. Ah, os diletantes em todos os ramos do saber humano, tão mal falados, tão criticados hoje em dia pelos especialistas, pelos mestres e doutores que saem frescos e flamantes das Universidades, orgulhosos dos seus títulos académicos mas que, pelos impulsos da idade e desta pós-modernidade ainda não inteiramente explicada, olham com desprezo o que os diletanti fizeram, com ingenuidade, é certo, mas com tanta dedicação, adivinhando o que não sabiam por estudos universitários especializados. Baudelaire, no momento em que traduziu a Poe não tinha em vista fazê-lo celebridade entre os leitores de língua francesa mas sim em afinar-se com uma nova estesia que lhe encantava a gosto literário. Pensava em si mesmo. No seu prazer de traduzir e deu no que deu - uma obra de arte até hoje, mais de um século depois, estudada em aulas de literatura comparada e por todos aqueles que se dedicam a traduzir. E, como antes me referi ao movimento cultural das Astúrias no seu belo idioma regional là vem, Baideñaore pitra vez e em... asturiano, pela pena habilidosa e artística de Fernando Álvarez Fernández, quem nos oferece nada menos do que oito dos mais conhecidos poemas do autor de *Les fleurs du Mal*. O tradutor, por honestidade, faz apensar ás traduções, os textos originais para que o leitor possa acompanhar-lhe o trabalho. E melhor compreender quanto pena um tradutor, quanto sofre, quanto se esforça pela palavra exata que nem sempre consegue. Começa por traír formalmente ao poeta transposto, quanto opta por uma tradução sem rima nem metro ainda que ideologicamente possa seguir-lhe os passos até mesmo com excelência como ao passar a primeira quadra de “Le vin de l’assassin”.

Ma femme est morte, je suis libre!	Morrió la mio muyer, toi llibre!
Je puis donc boire tout mon soûl	Asina que puedo beber, hasta fartamme
Lorsque je rentrais sans un sou	Cuando tornaba ensin una perra,
Ses cris me déchiraient la fibre	Los sos glayíos esgarrábenme les coraes

A forte expressão francesa “tout mon soûl”, torna-se em asturiano “hasta fartame”, que é igualmente forte, ainda que mais coloquial, fenómeno que se observará um pouco a baixo quando o tradutor passa o francês “lorsque je rentrais sans un sou” para “cuando tornaba ensin una perra”, em que o coloquialismo gritante não deixa de ter a sua força na boca de quem fala, no caso, o assassino. Álvarez Fernández teima em ser mais coloquial, mesmo que Baudelaire em muitas expressões fincasse pés em expressões coloquiais como as acima apontadas. Traduz por gostar da tradução - é o seu porqué. E traduz para os novos leitores do bable, que

precisam, com urgência, de uma também nova literatura, vibrante, para dar sabor a essa língua belíssima e que esteve tão abandonada por tantos tempos. E a versão coloquial tem mais alcance que a vertente culterana que, por ora, não teria tanto interesse. Não que aprove a invasão do coloquial, não. Mas é uma necessidade do para quem escrever. Não podemos dizer que o tradutor se saiu sempre airoso. Nos sonetos parece ter perdido muito. Ora, esse gênero é difícil, dos mais difíceis e as fortes cadeias da forma que se manifestam no metro e sua rigidez, na rima rica, no ritmo. Quando Álvarez Fernández traduz os belos sonetos baudelairianos como “La fontaine de sang” ou “La mort des pauvres” ou “Les hiboux”, a harmonia quase musical dos versos franceses cede lugar a uma fluência que nada tem de forte a exigente nem de impressionante, mesmo que as palavras asturianas sigas quase no calcanhar das suas irmãs francesas. É verdade que há momentos primorosos em que os versos do bable ganham uma força inaudita e que chegaria a dizer que mais fortes que a dos seus irmãos franceses como na primeira quadra de “La mort des pauvres”:

La muerte ye quien consuela, mialma! y quien fai vivir;
ye l'oxetu de la vida, y la única esperanza
que comu un elisir mos xube y ebria,
y damos rixu p'aportar fasta la nueche

que parecem ter mais força que os originais:

C'est la Mort qui console, hélàs! et, qui fait vivre;
C'est le but de la vie, et c'est le seul espoir
Qui, comme un élixir, nous monte et nous enivre,
Et nous donne le coeur de marcher jusqu'au soir.

Quando o tradutor personifica a morte usando um “quien”, de propósito, quem sabe, não traduzindo o “qui” francês, idiotismo da língua, por um “que”, empresta-lhe uma qualidade de sujeito e nome próprio, mesmo que tenha escrito com minúscula, “la muerte”, enquanto o poeta prefere personalizá-la por letra maiúscula. É um ponto sobre o original, como o será também o “mialma!, traduzindo o quase intraduzível “hélàs” francês. E o último verso da primeira quadra, “et nous donne le coeur de marcher jusqu'au soir”, terá uma ênfase quase brutal com o “y damos rixu p'aportar fasta la nueche”, aumentando pelo uso de “fasta”, vivo ainda no judeu-espanhol dos sefaradim do Marrocos o hoje quase extinto haqitia, possivelmente um asturianismo que os pobres expulsados do solo espanhol levaram consigo, cultuando a “tierra madre” com um carinho e uma devoção que comovem, a través dos séculos alte-

rando a língua é bem certo, a ponto de transformá-la em outra, mas sem abandoná-la. E mais, versos de quinze sílabas seguidos de versos de dez arrebatam, violentamente, a cadeia dos alexandrinos baudelairianos. Depois, a rima, em Baudelaire, é sempre rica. Não se lhe pode negar esse talento. Poucos poetas da sua época levaram tão a sério o rigor da rima e quando um tradutor moderniza esses sonetos rigorosos como que lhes tira alguma coisa.

Por que traduzir então? No caso que estudamos, ainda que perfunctoriamente, o tradutor sente grande identidade com o poeta traduzido e, por isso, logra conseguir belos efeitos em muitos momentos, como em “El vinu del asesín”, muito bom, apesar de uma quebra na fluência e expressividade poética no terceiro verso da quinta quadra, em que o “et pour nous réconcilier” se torna o fraco, inexpressivo “y p’amiganos”. Traduz pela identificação e traduz por gosto. Traz para uma nascente literatura em busca de sua maioria um autor universal, assim como fizeram o Prof. X. Ll. García Arias, esse dinâmico presidente da “Academia de la Llingua”, e Marta Suárez com a obra mais conhecida de Saint-Exupéry, *El Principín*, modelo de primorosa tradução que exalta o original ao mesmo tempo em que conquista mais ardentes defensores para as hostes do bable literário. E é esse o seu “para quem traduzir”. Não podemos esquecer a bela chamada de atenção de dona María Paz Fonticiella no seu prestimosíssimo ensaio sobre tradução as lembra que ela deve ser vista “comu instrumentu d’arriqueciemientu cultural y comu ferramienta imprescindible pa la normalización y la recuperación llingüística”.